



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

MARIANA ANDRELINO MOREIRA

**AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE PENSAM PROFESSORAS
ACERCA DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS**

**CAJAZEIRAS/PB
2024**

MARIANA ANDRELINO MOREIRA

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE PENSAM PROFESSORAS
ACERCA DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE), do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – Campus de Cajazeiras/PB, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dra. Zildene Francisca Pereira

CAJAZEIRAS/PB
2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

M838a Moreira, Mariana Andreino.
Afetividade na educação infantil: o que pensam professoras acerca das relações interpessoais / Mariana Andreino Moreira. – Cajazeiras, 2024.
41f. : il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Zildene Francisca Pereira.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2024.

1. Educação infantil. 2. Educação familiar. 3. Relações interpessoais. 4. Desenvolvimento infantil. 5. Afetividade. I. Pereira, Zildene Francisca. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 373.2

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

MARIANA ANDRELINO MOREIRA

**AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE PENSAM PROFESSORAS
ACERCA DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS**

Aprovado em: 15/04/2024

BANCA EXAMINADORA

Zildene Francisca Pereira

Prof. Dr.ª Zildene Francisca Pereira – UAE/CFP/UFCG
Orientadora

Edinaura Almeida de Araújo

Prof. Dr.ª Edinaura Almeida de Araújo – UAE/CFP/UFCG
Examinador

Rozilene Lopes de Sousa

Prof. Dra. Rozilene Lopes de Sousa – UAE/CFP/UFCG
Examinador

Prof. Dr.ª Belijane Marques Feitosa – UAE/CFP/UFCG
Suplente

AGRADECIMENTOS

Nesse momento, me sinto extremamente grata por ter chegado até aqui, e por cada pessoa que fez parte da minha caminhada.

Agradeço primeiramente a Jeová Deus, por ter me amparado, e me abençoado diante de todas as dificuldades trilhadas na minha vida pessoal e acadêmica.

À minha família, pelo apoio, e companheirismo ao longo da minha vida. Em especial a minha mãe, Maria, que não mede esforços para contribuir na minha formação como pessoa e me ensina através do exemplo a ser forte, esforçada, justa e bondosa.

A minha cachorra de estimação, Pietra, por estar sempre ao meu lado, principalmente na pandemia, em que as aulas eram assistidas por uma tela de celular ou notebook.

Aos meus amigos da Universidade e da vida, por ter vivido experiências incríveis ao meu lado, por ter tornado muitos momentos inesquecíveis.

Agradeço a minha orientadora, Zildene, mulher forte, dedicada, amorosa e organizada, a qual me inspira, tenho profunda gratidão, admiração e respeito.

Agradeço as professoras que aceitaram fazer parte da minha pesquisa e que foram essenciais para entender mais sobre o que os professores pensam sobre as contribuições da afetividade na Educação Infantil.

Agradeço a todos os profissionais que tive o prazer de conhecer na minha experiência acadêmica. Aos docentes da Universidade, aos profissionais e colegas de trabalho do PIBID, do Residência Pedagógica, do Programa Mais alfabetização e demais experiências acadêmicas.

Agradeço a cada pessoa que fez parte da minha experiência, enquanto discente da UFCG, aos motorista, merendeiras e demais pessoas que são fundamentais no nosso cotidiano.

RESUMO

A discussão da afetividade na Educação Infantil tem sido uma temática bem debatida ao longo dos anos e, dessa forma, a presente monografia tem como problema de pesquisa o seguinte questionamento: O que pensam professores acerca das relações interpessoais vivenciadas na Educação Infantil e sua relação com o processo de ensino e aprendizagem de crianças na Educação Infantil? Tem como objetivo geral: compreender como as relações interpessoais, vivenciadas na Educação Infantil, contribuem para o processo de ensino e aprendizagem da criança. Nos objetivos específicos destacamos: mapear os principais marcos regulatórios da Educação Infantil da atualidade; investigar a importância das relações interpessoais para o desenvolvimento integral da criança e refletir o que pensam professores acerca da relação afetividade e aprendizagem na Educação Infantil. Nos procedimentos metodológicos utilizamos uma entrevista semiestruturada com seis questões, com duas professoras da Educação Infantil de uma Escola pública Municipal de Ensino Infantil e Anos Iniciais, localizada na cidade de Baixo Ceará. Na análise dos dados compreendemos e refletimos sobre suas percepções e experiências com a afetividade e as relações interpessoais na Educação Infantil e para tanto concluímos que os objetivos gerais e específicos foram alcançados e a pergunta norteadora da pesquisa foi respondida através das falas das professoras e das reflexões ocasionadas por elas que nos possibilitaram um olhar voltado para o quanto é fundamental termos uma boa relação interpessoal com as crianças, considerando seus saberes, sua forma de compreender o espaço escolar, pois a afetividade e o processo de ensino e aprendizagem são fundamentais para que a criança se sinta bem no ambiente de sala de aula.

Palavras-chave: Educação Infantil; Relações Interpessoais; Afetividade.

ABSTRACT

The topic of affectivity in Early Childhood Education has been the subject of much debate. This monograph aims to answer the research question: What do teachers think about the interpersonal relationships experienced in Early Childhood Education, and how do they impact the teaching and learning of young children? The overall objective is to understand how interpersonal relationships experienced in Early Childhood Education contribute to the teaching and learning process of the child. Regarding the specific objectives, we emphasize: mapping the main regulatory frameworks of Early Childhood Education Today; investigating the importance of interpersonal relationships for the child's holistic development; and reflecting on what teachers think about the relationship between affection and learning in Early Childhood Education. In our research methodology, we conducted semi-structured interviews with two teachers from the Early Childhood Education department at a Municipal Public School in Baixio, Ceará. We asked them six questions to gain insight into their perceptions and experiences regarding affection and interpersonal relationships in Early Childhood Education. After analyzing the data and reflecting on their responses, we concluded that we successfully achieved the overall and specific objectives of the study. Through the teachers' statements and our reflections, it became evident that establishing a strong interpersonal relationship with the children is of utmost importance. It is imperative to consider their knowledge and understanding of the school environment, as affection and the teaching and learning processes are crucial for the well-being of the children in the classroom setting.

Keywords: Early Childhood Education; Interpersonal Relationships; Affectivity.

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EI – Educação Infantil

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PNE – Plano Nacional de Educação

RECNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

UFMG – Universidade Federal de Campina Grande

O educador educa a dor da falta, cognitiva e
afetiva, para a construção do prazer. É da falta
que nasce o desejo.
(MADALENA FREIRE)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS E A EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES INICIAIS	11
2.1 AFETIVIDADE E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES TEÓRICAS	15
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	20
3.1 TIPO DE PESQUISA	20
3.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE INFORMAÇÕES	21
3.3 <i>LÓCUS</i> E PARTICIPANTES DA PESQUISA	22
4. RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AFETIVIDADE, APRENDIZAGEM E COMPROMETIMENTO COM A CRIANÇA.....	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32

1. INTRODUÇÃO

Se é dizendo que a palavra com que, “pronunciando”
o mundo, os homens o transformam, o diálogo se
impõe como caminho pelo qual os homens ganham
significação enquanto homens.
(Freire, 2005, p. 91)

A escolha da temática se deu através das experiências vivenciadas ao longo da minha formação acadêmica, as quais me incentivaram a buscar uma maior compreensão acerca do conceito afetividade, especificamente na Educação Infantil, pois é nessa fase que as crianças recebem assistência e suporte afetivo como base para o seu aprendizado. Dessa forma, esse é o período em que a criança inicia o processo de aprendizagem, o qual vai ser desenvolvido gradativamente ao longo da sua vida.

Podemos enfatizar que a escola é um lugar importante para trabalharmos a motivação e incentivar a criança a utilizar a criatividade, bem como trabalhar seus sentidos, já que, é nesse momento de descobertas que as crianças aprendem como reconhecer suas emoções e como lidar com elas, em diferentes momentos. Logo, a escolha da temática propõe trabalhar a discussão da afetividade, pois estabelece uma relação direta com o processo de ensino e aprendizagem e as relações interpessoais vivenciadas em sala de aula.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9.394/96, a Educação Infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança na fase de 0 a 5 anos de idade nos aspectos físicos, sociais, mentais, psicológicos e cognitivo. Assim, é fundamental que haja uma preparação para se trabalhar com a criança, pois é a partir daí que se inicia o desenvolvimento de suas emoções, e essas emoções são capazes de interferir de forma positiva ou negativa ao longo da sua vida. Diante disso, no que diz respeito à afetividade, o ser humano está sujeito a todo instante de ser afetado por sensações agradáveis e/ou desagradáveis no seu contexto e essas sensações são, ainda, mais marcantes nas crianças, uma vez que, elas estão aprendendo como lidar com os sentimentos.

Assim, considerando essas reflexões iniciais elaboramos o problema de pesquisa, a partir do seguinte questionamento: o que pensam professores acerca das relações interpessoais vivenciadas na Educação Infantil e sua relação com o processo de ensino e aprendizagem de crianças na Educação Infantil?

Para respondermos a problemática elaboramos o objetivo geral: compreender como as relações interpessoais, vivenciadas na Educação Infantil, contribuem para o processo de ensino e aprendizagem da criança. Nos objetivos específicos destacamos: mapear os

principais marcos regulatórios da Educação Infantil da atualidade; investigar a importância das relações interpessoais para o desenvolvimento integral da criança e refletir o que pensam professores acerca da relação afetividade e aprendizagem na Educação Infantil.

Nessa perspectiva, a afetividade possui um papel fundamental na construção do processo de ensino e aprendizagem e esse processo é um conjunto que integra professores e alunos ao estabelecer vínculos com a família, com as crianças e com os professores. A partir desse entendimento é que organizamos a monografia levando em consideração a seguinte organização: na primeira sessão temos a introdução que trata da motivação que levou a escolher a temática, o problema de pesquisa, o objetivo geral e específicos, que buscam responder o problema que norteia a monografia.

Na segunda sessão temos o capítulo teórico, que tem como título Políticas Públicas Educacionais e a Educação Infantil: reflexões iniciais. Neste capítulo apresento como eram compreendidas historicamente, o surgimento das Políticas Públicas que possibilitaram uma educação institucionalizada, em busca de melhorias educacionais, as quais tinham a finalidade de combater o trabalho infantil e as desigualdades sociais. Apresento, ainda, como surgiu a preocupação com o emocional da criança e como a afetividade contribui para o desenvolvimento infantil e sua importância no processo de ensino e aprendizagem.

Na terceira sessão temos os procedimentos metodológicos, foi realizada uma pesquisa qualitativa, a partir da utilização de uma entrevista semiestruturada com seis questões, realizada com duas professoras da Educação Infantil, uma graduada em Pedagogia e outra graduada em Letras, na cidade de Baixo/CE.

Na quarta sessão temos a análise dos dados coletados, que tem como título Relações interpessoais na Educação Infantil: afetividade, aprendizagem e comprometimento com a criança. Nessa sessão apresento os resultados obtidos através de reflexões importantes sobre como as educadoras trabalham as relações interpessoais e a afetividade em sala de aula.

Por fim temos as considerações finais que nos levaram a perceber a importância da afetividade na Educação Infantil para o favorecimento do processo de ensino e aprendizagem de crianças, a partir das reflexões suscitadas pelas professoras, participantes da pesquisa.

2. POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS E A EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES INICIAIS

Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas
ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma
humana.
(Carl Jung)

O conceito sobre o que é criança vem sendo construído historicamente e tem sido modificado ao longo dos tempos. Na maior parte das vezes, as crianças pequenas no Brasil encaram um cotidiano extremamente adverso, que as direcionam desde muito cedo a condições precárias, ao abuso, ao trabalho infantil, e a imensa exploração ocasionada pelos adultos. No entanto, algumas crianças são protegidas, recebendo de seus familiares e da comunidade em geral todos os cuidados indispensáveis para o seu desenvolvimento. Esse dualismo demonstra a incoerência e o antagonismo de uma sociedade que não solucionou ainda as diversas desigualdades sociais existentes no cotidiano da sociedade brasileira.

As crianças que possuem idade entre 0 e 5 anos, foram reconhecidas como indivíduos ativos no que se refere a educação institucionalizada, apenas na metade do século XX. Assim, o processo acontece segundo ações que buscam compartilhar experiências no campo educacional. Podemos destacar que,

Nos anos de 1970, as políticas educacionais voltadas à educação de crianças de 0 a 6 anos defendiam a educação compensatória com vistas à compensação de carências culturais, deficiências linguísticas e defasagens afetivas das crianças provenientes das camadas populares. Influenciados por orientações de agências internacionais e por programas desenvolvidos nos Estados Unidos e na Europa, documentos oficiais do MEC e pareceres do então Conselho Federal de Educação defendiam a idéia de que a pré-escola poderia, por antecipação, salvar a escola dos problemas relativos ao fracasso escolar (Kramer, 2006, p. 799).

De acordo com a história da Educação, o marco das transformações e das melhorias ocorreu com a Constituição Federal de 1988, assegurando que todas as crianças teriam acesso à educação, combatendo a desigualdade social, bem como o trabalho infantil. Dessa forma, a Educação Infantil, que anteriormente era direito somente de crianças de mães que trabalhavam, após a Constituição de 1988 tornou-se direito de todas as crianças.

Podemos constatar essa relação com a criança no enunciado de Gobbato (2016), quando menciona que “[...] enquanto submetida à perspectiva da negligência de direitos, a criança tinha acesso apenas aos cuidados assistenciais, dependendo de boas intenções e de

filantropismo, com vistas ao atendimento de suas necessidades básicas” (Gobbato, 2016, p. 85). Podemos, ainda, acrescentar que

A preocupação com o desenvolvimento emocional da criança pequena resultou em propostas nas quais, principalmente nas creches, os profissionais deveriam atuar como substitutos maternos. Outra tendência foi usar o espaço de educação infantil para o desenvolvimento de uma pedagogia relacional, baseada exclusivamente no estabelecimento de relações pessoais intensas entre adultos e crianças (Brasil, 1998, p. 18).

Logo, a Educação Infantil começou a conquistar seu espaço e a se tornar uma instituição pública. A partir dela, foi possível um olhar mais humano e cidadão, pois determinou a Educação Infantil como um direito, citado no Art. 208, Inciso IV, da Constituição Federal de 1988, garantindo às crianças de zero a 6 anos o acolhimento em creche e pré-escola. Assim, sucederam diversas discussões em relação a educação no campo de estudos e pesquisas e no campo governamental e de políticas públicas.

Leis, Estatutos, Diretrizes e Decretos se embasaram na Constituição Federal de 1988 para proteger os direitos educacionais da população. Diante disso, ocorreu a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei N° 8.069/1990, na qual decreta e garante:

Art. 1° Esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente. Art. 2° Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade. Art. 3° A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (Brasil, Art. 1°, 1990).

Dessa forma, o ECA estabelece que crianças e adolescentes são indivíduos de direitos, em condições próprias de desenvolvimento, que necessitam de proteção prioritária e total por parte da família, do Estado e da sociedade. Em virtude das leis de proteção integral à criança e ao adolescente, o ECA presume a ampliação operacional das instituições e órgãos públicos e Instituições sociais, tendo em vista à proteção, à responsabilidade por ação ou omissão do descumprimento dos direitos, à execução dos instrumentos pressupostos pelo sistema e à relação entre os agentes desse sistema.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n° 9.394 – LDB (1996) ressalta a importância da educação escolar e estabelece em seu artigo 1° que o objetivo da educação é abranger os processos formativos, que são ampliados na conjuntura familiar, na convivência

com outros indivíduos, no trabalho e nas instituições de ensino e pesquisa. Logo, engloba também, “[...] nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (Brasil, 1996, p. 22).

Vale destacar que na LDB 9.394/1996 o intuito da Educação Infantil é proporcionar de maneira integral o desenvolvimento da criança (0 a 5 anos), sobre seus aspectos sociais, físicos e mentais, dispondo o meio onde a criança está introduzida e da família, como fatores relevantes, pois integrar esses elementos potencializa essa fase do processo de ensino e aprendizagem.

Kramer (2011) apresenta a explicação de que a educação para crianças pequenas começou a ser pensada e fragmentada nas creches e pré-escolas após um demorado processo histórico. Assim, a Educação Infantil precisa se responsabilizar, juntamente com a sociedade e a família, para que possibilite a proteção das crianças e dê a garantia de que elas possam se desenvolver de forma integral.

Diante disso, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RECNEI) de 1998, destaca que a maioria das propostas compreende a criança como um ser histórico, social e psicológico, apontando as experiências da criança e suas interações com o meio em que vive, como ponto de partida para a construção do conhecimento. Defendendo uma educação que transforme a realidade dos educandos, com o objetivo de formar cidadãos críticos.

Para tanto estabelece uma integração curricular na qual os objetivos gerais para a educação infantil norteiam a definição de objetivos específicos para os diferentes eixos de trabalho. Desses objetivos específicos decorrem os conteúdos que possibilitam concretizar as intenções educativas. O tratamento didático que busca garantir a coerência entre objetivos e conteúdos se explicita por meio das orientações didáticas (RCNEI, p. 43, 1998).

Existem práticas que favorecem os cuidados físicos, fundamentando-se de concepções que enxergam as crianças pequenas como frágeis, passivas, carentes e dependentes, e que direcionam a construção de estratégias e rotinas severas na qual dependem o tempo todo do trabalho de um adulto. O resultado disso é um tempo de espera prolongado entre um cuidado e outro, sem que a particularidade e a identidade de cada criança sejam consideradas. Tais práticas dificultam as chances de independência e as possibilidades das crianças de compreenderem sobre do ambiente, de si e do outro. Podemos dizer, mediante as leituras que

Em concepções mais abrangentes os cuidados são compreendidos como aqueles referentes à proteção, saúde e alimentação, incluindo as necessidades de afeto, interação, estimulação, segurança e brincadeiras que possibilitem a exploração e a descoberta. Outras práticas têm privilegiado as necessidades

emocionais apresentando os mais diversos enfoques ao longo da história do atendimento infantil (RCNEI, 1998, p. 18).

Assim, a atenção voltada para o desenvolvimento emocional da criança pequena culminou em propostas nas quais especialmente nas creches os profissionais precisariam exercer um trabalho em que o seu papel seria equivalente ao materno. Outra abordagem foi utilizar o espaço da Educação Infantil para promover a construção de vínculos emocionais entre crianças e adultos.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), apresenta a Educação Infantil como primeira etapa da educação básica, ofertada em creches e pré-escolas, as quais se constituem como um ambiente institucional não informal que representa estabelecimento educacional público ou privado que cuidam e educam crianças de 0 a 5 anos de idade no período da manhã, em expediente parcial ou integral, regulados e inspecionados por órgão capacitado do sistema de ensino e remetidos a controle social.

Em vista disso, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), apontam que cabe à Educação Infantil garantir a melhoria das condições de interação entre crianças e entre crianças e adultos, uma vez que nas brincadeiras e interações elas constroem “[...] sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.” (Brasil, 2010, p. 12).

O Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado pela Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, consolidou um marco essencial para as políticas públicas do Brasil. A Meta 1 do Plano Nacional de Educação (PNE) tem como alvo dar assistência às crianças de 0 a 5 anos de idade na educação infantil (EI). Para esse grupo, a meta tem como foco dois grandes objetivos, que se separam em razão da faixa etária e da necessidade: no curto período, ampliar até 2016, o atendimento na pré-escola para as crianças de 4 a 5 anos, e até o término estabelecido para o PNE, em 2024, propiciar que, no mínimo, 50% das crianças com até 3 anos de idade venham a ser acolhidas por creches. Desse modo,

[...] para que as crianças superem com sucesso os desafios da transição, é indispensável um equilíbrio entre as mudanças introduzidas, a continuidade das aprendizagens e o acolhimento afetivo, de modo que a nova etapa se construa com base no que os educandos sabem e são capazes de fazer, evitando a fragmentação e a descontinuidade do trabalho pedagógico. Nessa direção, considerando os direitos e os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, apresenta-se a síntese das aprendizagens esperadas em cada campo de experiências. Essa síntese deve ser compreendida como elemento balizador e indicativo de objetivos a serem explorados em todo o segmento da Educação Infantil, e que serão ampliados e aprofundados no Ensino

Fundamental, e não como condição ou pré-requisito para o acesso ao Ensino Fundamental (BNCC, 2017, p. 51).

É incumbência das escolas garantir aos educandos as competências gerais determinadas pelo documento da Base Nacional Comum Curricular – BNCC/2017, pois a escola dispõe do cuidado para atender ao desenvolvimento emocional das crianças, uma vez que, é fundamental trabalhar às emoções desde a Educação Infantil, para que elas entendam o que estão sentindo e consigam identificar sempre que for preciso. Porém, a escola muitas vezes concentra a sua atenção mais ao cuidar do que à própria aprendizagem, criando um desconforto, já que mesmo as crianças necessitando de atenção e cuidado, elas também têm a necessidade de desenvolver seu intelecto.

Dessa forma, a criança necessita de um bom relacionamento com as outras crianças e com os professores, com a finalidade de definir uma relação interpessoal, a partir de um bom convívio. No entanto, faz-se necessário analisar os aspectos, em que a criança está introduzida na escola, pois as adversidades que ela passa, as diferentes habilidades e a maneira como interage com o ambiente e com as outras crianças favorecerão ou não seu aprendizado escolar.

Mediante essa reflexão inicial, é necessário pensarmos que é preciso que o professor da Educação Infantil auxilie a criança a conhecer as suas necessidades, oferecendo um ensino que observe as prioridades dos alunos de forma adequada, pois é imprescindível que os professores determinem uma aproximação com as crianças, com a finalidade de ganhar sua confiança, permitindo uma aprendizagem significativa.

2.1 AFETIVIDADE E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Desde o seu nascimento que as crianças precisam de acompanhamento de alguém e de cuidados básicos, pois conforme se desenvolvem e crescem conseguem ter mais independência e autonomia em várias áreas, principalmente na aprendizagem escolar. Sabemos que é essencial que as crianças tenham assistência da família e da escola já que essa relação é importante para a sua vida e nesse componente podemos enfatizar a importância da afetividade, visto que, se não houver boas relações interpessoais as crianças sentirão maiores dificuldades em seu desenvolvimento escolar.

Diante disso, é importante destacar que o afeto é um sentimento que faz parte do ser humano e que representa um conjunto de fenômenos físicos, que são capazes de ser notados com relação ao próprio comportamento. Nesse sentido, “[...] o pedagógico também envolve o

que se passa nas trocas afetivas, em todos os momentos do cotidiano com as crianças; perpassa todas as ações: limpar, lavar, trocar, alimentar, dormir” (Ostetto, 2000, p. 192).

A afetividade vai muito além de toques físicos, como beijar, abraçar, colocar a criança no colo, fazer carinhos e falar palavras de afirmação. Assim, é construída essa relação afetiva, quando se leva em consideração as opiniões e ideias das crianças, através da escuta, do ouvir, pois os educandos possuem suas próprias vontades, desejos, e conhecimentos adquiridos ao longo da vida.

Entender a criança e até mesmo dar autonomia para que ela exerça suas próprias decisões e liderança dentro das regras permitidas pela escola, pelo profissional da educação e responsável legal, permite que ela tenha vez e voz, desenvolva sua segurança e confiança. É preciso legitimar o sentimento da criança, compreendendo como ela é afetada pelas nossas ações, bem como do meio em vive e isso só é possível através de uma escuta responsável. Assim,

Atentar-se para as expressões, os gestos, as falas, os silêncios é postura essencial do professor para que se estabeleça uma relação de ensino-aprendizagem consistente, em que o aluno se torne sujeito ativo do seu aprender, de forma a participar intensa e reflexivamente, não obstante suas dificuldades, se engajando na construção do conhecimento. Ambos, professores e alunos, se desenvolvem enquanto ensinam e aprendem, não estão prontos e nem ficarão, estarão em constante metamorfose, mediados pela afetividade em todos os momentos (Freitas, 2014, p. 5).

Deste modo, a afetividade é essencial para o processo de desenvolvimento do aluno, para a construção do conhecimento e para a evolução dos seres humanos, pois ela se manifesta desde o nascimento do indivíduo. Segundo Wallon (2010), para que uma criança seja apontada como saudável, é necessário que ocorra uma boa relação e interação entre a criança e as pessoas com a qual ela convive, para que seja capaz de se desenvolver bem. Assim,

Uma teoria pedagógica que se depreenda das ideias sobre a construção do indivíduo a partir de Wallon diz que o desenvolvimento intelectual envolve muito mais do que uma aparato cerebral. Pressupões perceber a dimensão afetiva do indivíduo e trabalhá-la para permitir uma construção cognitiva mais dinâmica e efetiva. Sendo assim, uma teoria pedagógica inspirada em Wallon pressupõe um movimento dialético entre afetividade, emotividade e subjetividade com processos cognitivos, interação social e racionalidade mutuamente imbricado e relacionados em via de interdeterminação. (Bezerra, 2006, p. 23).

Diante disso, é importante destacar que a afetividade, entendido aqui enquanto boas relações interpessoais, deve se basear no diálogo, na confiança, no respeito, no carinho, na

admiração, possibilitando o crescimento da nossa autoestima, mas também no acompanhamento, a partir da percepção de que não é somente através de situações agradáveis que somos seres afetivos, mas através do limite, do aprender a dizer e ouvir um não, mas acompanhar diretamente a criança no seu processo de aprendizagem.

Em sala de aula os educandos são capazes de manifestar se desejam ou não ser parte da escola e essa observação deverá ser levada em consideração para que possamos acompanhar o seu desenvolvimento em diferentes momentos oportunizados pela escola, especificamente nas atividades realizadas em sala de aula. Logo, é importante destacarmos que é incumbência da família e dos professores compreender esses momentos vivenciados pela criança no decorrer do seu processo de ensino e aprendizagem. Mediante as leituras realizadas e nossas primeiras reflexões vimos que,

A afetividade, com esse sentido abrangente, está sempre relacionada aos estados de bem estar e mal estar do indivíduo. A afetividade se desenvolve, podendo ser identificada, em duas etapas, sendo a primeira de base mais orgânica, e a outra de base mais social. Quando os motivos que provocam os estados de bem estar e mal estar, já não são limitados às sensibilidades íntero, próprio e êxtero, mas já envolvem a chamada sensibilidade ao outro, a afetividade passa para um outro patamar, já que de base fortemente social. Assim a afetividade evolui para uma ordem moral e seus motivos são originados das relações indivíduo outrem, sejam relações pessoais ou sociais (Wallon, 1989, p. 53).

Para Piaget (1959), o indivíduo desenvolve as relações cognitivas e afetivas ao longo de sua existência, podendo gerar sentimentos de medo ou carinho e reações de indisciplina. Nessa perspectiva, podemos ressaltar que os educandos criam um vínculo com o seu educador ao longo do percurso escolar e o professor também está suscetível a construir esse vínculo.

Por conseguinte, a afetividade é parte constituinte do indivíduo e se torna imprescindível no decorrer vida. Desse modo, a afetividade desempenha um papel fundamental desde a infância, já que a criança está sendo desenvolvida plenamente. Esse momento requer novos estímulos e de pessoas que possam conduzir a sua aprendizagem e o seu desenvolvimento, apresentando para ela que o caminho do desenvolvimento é importante.

Portanto, as emoções se desenvolvem desde o início da vida do ser humano e continua nesse processo até o seu último segundo de vida. Logo, o surgimento da linguagem ocorre através das emoções, e o afeto é um sentimento capaz de suprir as necessidades da criança pequena, já que ela utiliza inicialmente o choro como uma ferramenta para se comunicar e se expressar.

Dessa forma, o espaço escolar é importante para que ocorram interações entre os alunos e entre alunos e professores, no decorrer do processo de ensino e aprendizagem. Assim, essas relações acontecem onde há convívio harmônico, uma comunicação efetiva e entendimento, para que ocorram ações relevantes de maneira prazerosa. Diante disso,

Como agente de mudança indispensável ao processo educacional, o professor precisa promover a aprendizagem significativa dos alunos, agir com razão e o coração, ser assertivo em sua prática e garantir a construção do conhecimento na sala de aula que, em atividade, é transbordante de emoções e sentimentos, com seus sujeitos, valores, hábitos, atitudes e representações sociais (CAJU, 2016, p. 13).

Além disso, é fundamental que o professor reflita e busque se colocar no lugar das crianças, e permaneça inteiramente ao seu lado, tendo em vista que é necessário compreender por qual motivo a criança está triste ou desinteressada. Assim, agir de forma sensível é um caminho para que haja uma aproximação entre aluno e professor. A sensibilidade é uma etapa relevante para nutrir a confiança entre professor e aluno, pois “[...] uma das questões marcantes do aprender é o vínculo afetivo que deve ser construído entre aluno e professor, aluno e aluno, aluno e objeto de estudo, tornando a aprendizagem significativa” (Menger, 2010, p. 5).

Silva (2001) ressalta a importância dos professores para que as crianças se sintam mais seguras, produzindo um espaço de aprendizado sereno, uma vez que a afetividade se torna presente na rotina da sala de aula, através do comportamento do professor, pelo exercício do seu trabalho ou nas interações entre os indivíduos. Assim,

[...] O pensamento criativo, a sociabilidade e a arte de fazer, manter e administrar amizades, a consciência essencial do ser e das coisas, as bases do pensamento lógico, a abertura infinita das inteligências, a plenitude das capacidades cognitivas, emocionais e motoras, o sentido da independência, o verdadeiro espírito de iniciativa, a sensibilidade para identificar, analisar e resolver problemas, a criação de hipóteses, a segurança na expressão de sentimentos e opiniões, o controle do corpo e a imagem positiva de si mesmo que fundamenta a auto-estima, se constroem nos primeiros anos de vida, com o auxílio de professores preparados e em ambientes seguros. (Antunes, 2004, p. 42).

Diante o exposto, é fundamental que em sala de aula saibamos qual é a responsabilidade do professor, visando o olhar para uma boa relação interpessoal, assim, o convívio em sala de aula é construído nas diversas formas de atuação, que se constituem entre partes comprometidas com a mediação, o vínculo do professor com os alunos, sua função no

trabalho pedagógico e todo componente que faz parte da sua atribuição. Desse modo, precisamos compreender que

[...] como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, à coragem de querer bem aos educadores e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que porque professor, me obrigo a querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e "cinzento" me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele (Freire, 1996, p. 52).

De acordo com Freire (1996), o indivíduo que forma outros, acaba nesse processo se formando e se reformulando a cada instante, do mesmo modo que, o indivíduo que está em formação forma outros ao se formar, sustentando a exigência de uma educação global, tendo em vista o completo desenvolvimento do sujeito e a percepção do professor de que o processo de ensino e aprendizagem não se apresenta de forma central no conhecimento do docente, mas que precisa ser produzido com base na sua interação com o educando.

A partir dessa compreensão vimos que a criança precisa ser preparada em todas as habilidades e, para tal objetivo, o professor tem de estar consciente de que ensinar é uma particularidade humana, de modo algum é transferir conhecimento, e requer a participação de todas as partes envolvidas para que o processo de ensino e aprendizagem seja efetivado, levando sempre em consideração a formação integral da criança.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

É inegável que há qualidades específicas que denotam o entrevistador competente, tais como uma boa capacidade de comunicação verbal, aliada a uma boa dose de paciência para ouvir atentamente. (Lüdke E André, 1986, p. 36)

Apresentaremos nesta sessão três subtópicos, assim organizados: no primeiro abordamos sobre o conhecimento científico e sobre o tipo de pesquisa, no caso a qualitativa, a qual será trabalhada ao longo da monografia. O segundo trata do instrumento de coleta de informações, na qual será a entrevista semi-estruturada. E por último, sobre *Lócus* e participantes da pesquisa, tendo em vista que, através desses subtópicos, podemos compreender como a pesquisa foi realizada e qual seu papel social para a Educação Infantil.

3.1 TIPO DE PESQUISA

O conhecimento científico é um processo que ocorre de forma gradual, principalmente considerando a reflexão acerca da relação teoria e prática, pois essa relação é condicionada pelo processo e maturação do saber. Diante disso,

O valor do conhecimento reside, pois, nos seguintes fatores: 1) busca e aquisição de informações para a solução de problemas experienciais e vivências; 2) aplicação de conhecimentos obtidos para promover o processo material e espiritual do homem e da sociedade; 3) fonte de invenções e criações técnico-científicas capazes de beneficiar a vida humana. (Barros, 1990, p. 12).

Segundo Tozoni-Reis (2009, p. 8) “[...] o conhecimento diz respeito à compreensão teórica do mundo e das coisas, a elaboração do mundo das coisas no pensamento, a busca de significado para eles”. Dessa forma, independentemente da área de atuação, o profissional que não possui conhecimento, não consegue fazer uma intervenção.

De acordo com Barros (1990), o processo de iniciação científica precisa ser criado como todo o percurso que os novos pesquisadores realizam, através do aprender fazendo, pesquisando até alcançar a segurança de construir procedimentos metodológicos nos processos investigativos. Dessa forma, a pesquisa científica é um procedimento sistemático e intensivo, com o objetivo de desvendar, entender e explicar acontecimentos que estão inseridos numa determinada realidade.

Diante disso, a presente pesquisa foi pautada por uma abordagem qualitativa que se refere a um universo de motivos, significados, aspirações, crenças, atitudes e valores, o que representa ligações entre os processos e os fenômenos que não podem ser reduzidos, apenas, a operacionalização de variáveis, visto que o fenômeno humano e social precisam ser algo mais complexo e dinâmico, não podendo ser reduzido a quantificações (Minayo, 2011). Assim,

[...] há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas (Prodanov; Freitas, 2013, p. 70).

Dessa forma, é importante destacar que a pesquisa em educação ocorre principalmente de forma qualitativa, assim Tozoni-Reis (2009, p. 10) afirma que "[...] a pesquisa qualitativa defende a ideia de que, na produção de conhecimentos sobre os fenômenos humanos e sociais, interessa muito mais compreender e interpretar seus conteúdos que descrevê-los".

Destarte, a pesquisa qualitativa não busca enumerar ou medir acontecimentos analisados, não há referência estatística na análise de dados, as propensões vão se estabelecendo à medida que o estudo progride. Ainda, sob uma perspectiva metodológica, entendemos que a melhor maneira de aprender a realidade é aquela que permite ao pesquisador se colocar na incumbência do outro (Godoy, 1995).

De acordo com Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa adota uma abordagem que busca interpretar o mundo, o que indica que seus pesquisadores estudam as coisas em seu ambiente natural, e tentam compreender os fenômenos, a partir dos significados que as pessoas lhes atribuem.

Seguindo essa linha de pensamento, Vieira e Zouain (2005) apontam que a pesquisa qualitativa concede uma importante relevância aos depoimentos dos sujeitos sociais que participam, as argumentações e as significações transmitidas por eles. Nessa perspectiva, esse tipo de pesquisa valoriza o detalhamento dos fenômenos e dos componentes que envolvem a pesquisa, principalmente levando em consideração a seriedade da pesquisadora no trato com as informações coletadas.

3.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE INFORMAÇÕES

Um estudo sobre os instrumentos de pesquisa se mostra pertinente para a escolha do instrumento que seja mais adequado em relação ao estudo a ser realizado, permitindo que os pesquisadores possam efetuar a opção certa para o processo de construção de seu trabalho, sendo capaz de identificar quais os prováveis aspectos positivos e negativos específicos ao instrumento de pesquisa escolhido.

Assim, o instrumento de coleta de informações foi por meio da entrevista semiestruturada. De acordo com Manzini (2003), mesmo que possa parecer fácil, a coleta de dados através de entrevistas é uma atividade que demanda um planejamento cuidadoso. Assim, este procedimento necessita primeiro de um bom planejamento para que o entrevistador consiga seguir um roteiro sistematizado, com chances de incluir alterações que se fazem essenciais no decorrer da sua conversa com os participantes da pesquisa. Podemos pensar que,

Em geral, as entrevistas podem ser estruturadas e não-estruturadas, correspondendo ao fato de serem mais ou menos dirigidas. Assim, torna-se possível trabalhar com a entrevista aberta ou não-estruturada, onde o informante aborda livremente o tema proposto; bem como as estruturadas que pressupõem perguntas previamente formuladas. Há formas, no entanto, que articulam essas duas modalidades, caracterizando-se como entrevistas semi-estruturadas (Mynayo, 2004, p. 58).

Considerando essas formas de entrevistar escolhemos a semiestruturada, pois vimos que este modelo nos possibilita um diálogo tranquilo com os participantes da pesquisa e nos proporciona uma maior abertura para o esclarecimento de dúvidas, se por ventura surgirem.

3.3 LÓCUS E PARTICIPANTES DA PESQUISA

A presente pesquisa foi realizada em uma escola Pública Municipal de Ensino Infantil e Anos Iniciais, localizada na cidade de Baixo Ceará. As entrevistas foram realizadas com 2 (duas) professoras que trabalham na Educação Infantil. As participantes da pesquisa terão seus nomes marcados pelo anonimato, assim utilizaremos nomes fictícios de pessoas que marcaram afetivamente minha trajetória na educação e na vida, desde meu nascimento e meu primeiro dia de aula no 1º ano dos Anos Iniciais, até a universidade, pois tudo que construí é resultado de trocas afetivas responsáveis, que levaram em consideração a afetividade em suas relações e práticas pedagógicas transformadoras.

Dessa forma, a primeira professora entrevistada foi chamada pelo pseudônimo de Ana Maria, representando a primeira professora da minha vida, no 1º ano dos Anos Iniciais e foi exemplo de afetividade através de suas ações. A professora tem 32 anos, é graduada em

Pedagogia desde 2023, atualmente faz pós graduação em Alfabetização e Letramento, na qual será concluída em 2024. É contratada como professora da Educação infantil e tem dois anos de experiência na área, além disso, trabalha também na alfabetização de idosos na EJA.

A segunda professora entrevistada foi chamada pelo pseudônimo de Maria, representando minha mãe, maior modelo de afetividade em minha vida, pois seus gestões e ações sempre falaram mais que suas palavras. A professora tem 42 anos, é graduada em Letras desde 2008 e tem especialização em Psicopedagogia Institucional desde 2009. É professora com carteira assinada do município e trabalha há 4 anos na Educação Infantil, além disso, possui muita experiência como professora substituta antes de assinar a carteira.

4. RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AFETIVIDADE, APRENDIZAGEM E COMPROMETIMENTO COM A CRIANÇA

Educar a mente sem educar o coração
não é educação.
(Aristóteles)

Pensar sobre as relações interpessoais é algo muito importante na conjuntura atual, pois elas podem ser vivenciadas de forma simples e complexas ao mesmo tempo. Essas relações ocorrem entre duas pessoas ou mais, e são comuns em nosso cotidiano. A todo momento estão sendo construídas, seja de maneira mais rápida e superficial ou com conexões mais profundas e duradouras.

Mediante essas interações, acontece o diálogo e a troca de saberes. Nesse momento, se aprende mais com o outro, sobre sua identidade, seus valores, suas emoções e sobre seus conhecimentos adquiridos ao longo da sua existência. É dessa forma que os sujeitos aprendem, crescem e constroem novos diálogos e crenças de forma coletiva e individual.

Na escola e na sala de aula, essas relações são essenciais para o desenvolvimento do educando. Diante disso, entrevistamos duas professoras e fizemos o seguinte questionamento: Como você enxerga as relações interpessoais na Educação Infantil? Assim responderam:

Assim, eu acho uma, é... a afetividade ela é muito importante no processo de aprendizagem da criança, só que a afetividade tá mais no educador do que do educando, né? porque é através de nós que eles vão, é... aprender a... a seguir regras, a se encorajar, pra que, é... no decorrer do ensino, eles possam, é... estar seguros e possam aprender. (Professora Ana Maria, 2024).

Tem maneiras, né? Várias maneiras. Uma delas é a interação, porque, principalmente, nossa turma que é 3 e 4 anos, a gente tem que ter ali muita interação, porque eles já vêm com uma bagagem de casa. Um tipo de bagagem ali sólido, convivendo com a mãe, com o pai, com a família. E quando eles chegam na educação infantil, na nossa sala, por exemplo, eles ali já chegam com a bagagem diferente e ali a gente vai interagir e socializar, tanto entre os colegas, como entre professor e as crianças e as professoras. (Professora Maria, 2024).

Na Educação Infantil, as relações interpessoais ocorrem através das interações vivenciadas com toda a comunidade escolar. Porém, em sala de aula, os professores e alunos, constroem vínculos que se consolidam ao longo das aulas. Esses vínculos fortalecem a autoestima do aluno, caso sejam vivenciados de maneira agradável. A professora Ana Maria, enfatiza a importância de haver afetividade entre essas relações que ocorrem não só em sala de aula, mas também, em todo o ambiente educacional. Ela enxerga o professor como o

principal responsável por trabalhar e mediar as relações interpessoais, eles devem agir de modo que a afetividade contribua para o processo de ensino e aprendizagem do educando.

A professora Maria reforça, ainda, a importância da interação na Educação Infantil, pois os alunos já chegam à escola com toda uma vivência, que foi sendo construída, juntamente com seus familiares e demais pessoas que fizeram ou fazem parte de suas vidas. E essas bagagens, que são trazidas por todos os alunos e pelo professor, são fundamentais para que ocorra interação e socialização. Assim, de acordo com a Professora Maria (2024) “[...] quando vem pra escola, já vem, já começa outra bagagem, a interação já vai ser outra, a socialização.” Considerando essas reflexões, podemos ver que,

[...] as relações afetivas são, em alguns grupos, predominantemente o motivo das suas agregações, fato que não ocorre com a escola, na qual a razão primeira de sua existência está na responsabilidade com o conhecimento. Entretanto, mesmo na escola, as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas (Almeida, 1999, p. 107).

Diante disso, Almeida (1993), aponta que é fundamental reconhecer que a relação entre ensinar e aprender é algo que precisa ser realizado com afetividade, pois ela é responsável por promover e desenvolver a inteligência do aluno. Desse modo, se faz necessário que o educador compreenda seu papel de educador e sua função social.

Logo, no processo de ensino e aprendizagem, é essencial que ocorram interações saudáveis entre alunos e professores, pois as relações interpessoais vivenciadas em sala de aula e na escola de modo geral, são fundamentais para que o aluno se desenvolva de forma integral. Na socialização eles aprendem mais sobre os outros e compartilham sobre si mesmo no coletivo e a mediação que o professor realiza, é o ponto chave para que essas relações ocorram de modo satisfatório, pois passam a ensinar os alunos a aprender com os outros, consigo mesmo e com o educador. Uma troca que permite que todos ganhem e aprendam algo novo.

Outra questão fundamental, é entender como acontece essas relações em sala de aula e assim perguntamos: Como é construída essas relações na sala de aula?

Na rotina do dia a dia. É... Quando a gente começa na acolhida, a gente pergunta como foi o dia deles, por exemplo: se for na segunda, a gente diz “como foi o final de semana de vocês? Aí você tá dando uma abertura para você ouvir o que aquela criança quer falar, né? E aí você tá escutando ela, isso aí deixa ela mais segura, né? Pra falar e também pra aprender, porque através delas, as outras crianças também começam a se comunicar, se socializar (Professora Ana Maria, 2024).

É uma troca de experiência, dizer que o... professor, o educando não aprende com suas crianças, aprende, e ela aprende com a gente. É uma, eu digo que sempre que é uma troca de experiência. Muita gente diz não é, é sim, é nossa segunda família, porque nossa primeira família é nossa casa, é nosso filho, nosso marido. E a segunda casa é a escola, onde tem nossas crianças, nossos colegas de trabalho. Então, tudo isso há uma troca de experiência, junto com a interação e a socialização. Tem que ter (Professora Maria, 2024).

A construção das relações em sala de aula se inicia no contato diário entre os alunos e professores, pois as crianças se sentem pertencentes e seguras através do diálogo, assim, participam mais das atividades, das propostas educacionais e interagem de forma mais assídua com os colegas e o docente. Diante disso, percebemos que a criança tem seu primeiro contato durante a interação com outros indivíduos, ao conversar, ao prestar atenção nas explicações, ao realizar as atividades, ao participar das dinâmicas. A criança apreende novos conhecimentos e constrói uma postura mais independente. Conforme aponta Oliveira (1997), a abordagem de mediação se dá por intermédio de instrumentos e signos. Logo, é

[...] fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, distinguindo o homem dos outros animais. A mediação é um processo essencial para tornar possível atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo (Oliveira, 1997, p. 33).

Segundo Vygotsky (2008), é indispensável que haja interação entre os indivíduos, pois essas relações permitem o desenvolvimento das formas culturais, possibilitando o desenvolvimento integral do sujeito. Desse modo, promover um âmbito educacional que incentive a construção e reconstrução dos conhecimentos está associada com a forma de como o professor coordena o seu trabalho perante as necessidades dos alunos, levando em conta as suas particularidades e seu contexto social.

Desse modo, a criança ao estar incluída, interagindo e socializando com os outros, tanto da mesma idade, quanto de idades diferentes, passa a construir novos aprendizados, aprende e se sente à vontade para se comunicar cada vez mais, se envolve enquanto aluno, em diferentes atividades na escola, amadurece enquanto pessoa, e sujeito social.

O trabalho do docente, quando bem planejado, leva em consideração o contexto das crianças, suas dificuldades. Por isso, é essencial observar quais dinâmicas dão mais certo e possibilita mais interação entre os alunos, e entre alunos e professores. O trabalho quando é bem construído e trabalhado em sala de aula, permite que os alunos se sintam seguros até para interagir e socializar em todo âmbito escolar.

Diante da importância de um trabalho em que permite o desenvolvimento do aluno de forma positiva, questionamos: Como é trabalhado a afetividade em sala de aula?

Vou dar um exemplo, né? Numa aula, por exemplo, vou trabalhar identidade, né? Da criança, é... eu começo perguntar sobre a relação familiar dela, né? Quantos irmãos ela tem? É... Com quem ela convive? Isso aí, faz com que a criança ela fale da sua, como é que a gente diz? (pequena pausa) Sua socialização, porque antes dela vir pra escola ela já tinha uma interação, né? familiar. Então eu acredito assim, que a base familiar é muito importante pra que a criança ela possa se abrir, mostrar seus sentimentos, suas emoções e através dessas ações possa interagir com as demais (Professora Ana Maria, 2024).

De muitas formas, porque, é... eu vou te dar um exemplo, Mari, é... de um professor que eu vi ele numa palestra dizendo, que achou muito bonito quando a professora recebe, principalmente, suas crianças da educação, com o abraço, com o beijo, com a conversa. E isso é muito gostoso, a criança vai se sentir bem, agora quando você não recebe bem recebida, “ah, seja bem-vinda”, quando você não recebe com isso, nem com abraço, nem com beijo, a criança não vai se sentir bem. E afetividade ela é de várias forma, é... a criança ela percebe, quando está sendo bem tratada e quando não tá (Professora Maria, 2024).

Podemos refletir que a afetividade é fundamental para formar indivíduos seguros, alegres, aptos para viver bem em sociedade. Além disso, é uma aliada indispensável nas intenções pedagógicas, pois permite a construção de vínculos importantes para o ensino na Educação Infantil. Assim, é essencial auxiliar as crianças a construírem possibilidades afetivas para o desenvolvimento da sua aprendizagem, por meio de uma parceria, onde tenha a colaboração da escola, dos professores e da família.

Dessa forma, pensarmos a afetividade é de extrema relevância para as relações sociais e emocionais de um indivíduo, pois é por meio dela que podemos expressar nossos sentimentos e emoções, criando um vínculo que simboliza uma amizade mais sólida entre os seres humanos. Assim,

A afetividade é um elemento cultural que faz com que tenha peculiaridades de acordo com cada cultura. Elemento importante em todas as etapas da vida da pessoa, a afetividade tem relevância fundamental no processo ensino aprendizagem no que diz respeito à motivação, avaliação e relação-professor e aluno. (Vygotsky, 1998, p. 42).

Diante disso, é possível compreender a relevância das relações afetivas em todas as fases da vida, principalmente na infância, pois a criança está em um momento significativo do seu desenvolvimento. A afetividade está vinculada à educação, seja ela informal ou formal e ocorre, a partir do instante em que o indivíduo se conecta a outro através do diálogo, e do respeito. À vista disso, é gerado vários sentimentos que são relacionados à história das relações sociais, em que a construção dos vínculos afetivos precisa ser compartilhada para que as relações afetivas se consolidem.

Dessa forma, pensando na relevância que essas relações possuem no ambiente educacional, perguntamos: Como as relações interpessoais influenciam no processo de ensino aprendizagem?

As relações interpessoais, ela é muito importante no ensino e aprendizagem porque tipo assim, quando a criança ela tá começando a escrever, ela já diz “tia eu não sei” e a gente tem que dizer “você sabe, você vai conseguir”, aí a gente pede pra fazer, é... um tracinho, ela vai com tanto medo, né? E a gente fica encorajando ela, não, você vai conseguir, quando der fé, ela consegue, ela dá aquele sorriso, né? Pra gente, e ali é um momento onde ela tá se fortificando, que tá se encorajando (Professora Ana Maria, 2024).

Muito, né? Muito, porque é como eu já falei na resposta anterior, que existe uma troca de experiência, tanto da, da professora com as crianças, como das crianças com o professor. É uma troca de experiência, é uma troca de... eu digo assim, de sabedoria. Porque a criança, por mais que ela seja inocente, mas elas vêm ali com um saber, vem como um tipo de saber de casa. E o saber de casa, vai juntar com o saber da escola. Então, isso ela vai trocar experiência, tanto com seus coleguinhas. Porque eu costumo chamar, tem os príncipes e as Princesa, nossas crianças. E também interage com as professoras (Professora Maria, 2024).

Desse modo, é importante destacar a relevância do aluno confiar no educador, principalmente, quando ele estabelece limites possíveis para o educando alcançar o objetivo de determinada atividade e proposta. Ao conseguir, e saber que terá apoio, o aluno se sente seguro, confiante, encorajado, pois foi levado em consideração a sua necessidade e dificuldade. Essa troca de saberes e de confiança, permite construir novas aprendizagens, tanto aprendizagens sobre o que está sendo trabalhado e desenvolvido em sala de aula, quanto saberes de vida, do dia a dia.

Assim, o vínculo emocional que se desenvolve entre alunos e professores, pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem, tendo em vista que “[...] para que o professor desempenhe seu trabalho de forma a atingir seus objetivos, o estabelecimento do vínculo afetivo é praticamente obrigatório.” (Codo; Gazzotti, 1999, p. 55).

Skinner (1991, p. 13) aponta que “[...] como as pessoas se sentem é frequentemente tão importante quanto o que elas fazem”. Diante disso, a sala de aula é um local onde prevalecem muitas emoções e sentimentos. Assim, as relações em sala de aula influenciam significativamente no desenvolvimento e na construção do conhecimento, da identidade e autonomia da criança, pois

Efetivar as diversas relações em sala de aula é oferecer oportunidade para que a afetividade seja elemento presente no contexto, fortalecendo os vínculos sociais e facilitando o acontecer pedagógico, através de um clima de satisfação, confiança e liberdade; [...] Aprender deve estar ligado ao ato afetivo, deve ser gostoso, prazeroso (Rossini, 2001. p. 15-16).

Segundo Morin (2008, p. 15), “[...] o conhecimento progride não tanto por sofisticação, formalização e abstração, mas, principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar.” Desse modo, é importante a existência de ações que busque melhorias do conhecimento e da possibilidade de englobar não apenas teorias, mas também práticas eficazes que apresentem em si repostas aos interesses dos docentes.

Nesse sentido, notamos que a ação de transformar pela educação revela em si que as relações interpessoais estão no centro de todo o processo, considerando que uma mediação de qualidade será capaz de estabelecer uma relação interpessoal eficiente. Logo, podemos destacar que na Educação Infantil toda aprendizagem está relacionada à vida emocional, por essa razão compete à escola fortalecer e ampliar esta vivência afetiva, gerando um ambiente socioafetivo agradável para os alunos.

Assim, pensando em como essas relações contribuem para o desenvolvimento da criança em todas as áreas da sua vida, realizamos a seguinte pergunta: Qual a importância das relações interpessoais para o desenvolvimento integral do aluno na Educação Infantil?

Nas minhas aulas, assim que eu inicio, eu sempre faço a roda, de conversa, sempre. Tem que ter aquele momento pra... Ali é o primeiro momento, porque assim, depois que eles se socializam, eles começam a aprender mais, interagir. E as mesas quando eu coloco, coloco uma virada pro outro, assim (demonstra como é), não é uma mesa pra cada um, assim, tipo solta. São tudo emendadinho, já pra eles ficarem interagindo um com o outro. (Professora Ana Maria, 2024).

...na escola tem a troca de experiência, tem a interação, tem a aprendizagem. E também na educação, como tem o processo, o ensino eles vão aprender, trabalhar tanto na escrita, porque a escrita e a leitura da educação infantil é de uma forma diferente e também aprender é... experiência tanto para dentro deles como para fora, para se desenvolver futuramente. (Professora Maria, 2024).

Logo, se faz necessário possibilitar momentos em que todos interajam, gerando novas experiências e aprendizagens. É essencial possibilitar que as crianças mantenham uma interação de forma assídua, tendo em vista que até quando estão realizando uma atividade, se torna um momento em que estão desenvolvendo a socialização, a comunicação e o diálogo. Aprendendo a conviver com as diferenças existentes entre colegas e profissionais, e compreender sobre regras e limites, permitindo que aprendam a conviver melhor em sociedade.

De acordo com Del Prette (2006, p. 32), “[...] a análise das relações interpessoais deve levar em conta a tríade pensamento, sentimento e comportamento.”. Em seguida aponta que

“A autoestima relaciona-se com os pensamentos e sentimentos elaborados pelo indivíduo a partir de seus comportamentos e das consequências deste no ambiente” (Del Prette, 2006, p. 35). Destarte, os vínculos se fortalecem através do ato de se aceitarem mutuamente, para possibilitar a sucessão das relações interpessoais presentes nos microsistemas. Desse modo,

A escola deve trabalhar as relações interpessoais para desenvolver no aluno uma visão sistêmica da escola e de seu papel, mas também para facilitar sua integração com a comunidade, professores e colegas através de uma colaboração confiante e pertinente. Visa também desenvolver habilidades para administrar as próprias emoções e compreender as emoções dos outros e identificar todos os contornos de um efetivo autoconhecimento (Antunes, 2007, p. 47).

É fundamental observarmos como o ambiente educacional contribui para que os alunos se sintam seguros ou com medo de interagir e não serem aceitos. O comportamento do profissional, e de toda comunidade escolar será mais responsável, a partir do momento que refletirem sobre suas próprias ações. O aluno precisa identificar que ali é um lugar em que pode se desenvolver sem tantos medos e inseguranças. Não existe local seguro para as crianças, quando ela percebe através das ações dos próprios profissionais e colegas que não estão sendo respeitadas através de ações. É preciso analisar as próprias ações e o diálogo, estando aptos a fazer as modificações necessárias para construir relações interpessoais que considere o desenvolvimento integral do educando.

Diante disso, realizamos a seguinte pergunta: Como você enxerga a relação entre afetividade e aprendizagem na Educação Infantil? As professoras responderam:

[...] em todas as áreas da nossa vida, a gente leva a afetividade com a gente, né? então numa aprendizagem não é diferente. Para a gente aprender a gente tem que é... a gente tem que ter um encorajamento, tipo assim na educação infantil. É na educação infantil que as crianças começam a aprender tudo, tudo, tudo mesmo. Regras de como pegar no lápis, é... de como se comportar na sala de aula, é... dividir, né? Que é outra também que é muito bem trabalhado na nossa sala de aula também (Professora Ana Maria, 2024).

[...] é importantíssimo, é necessário, é essencial. Não tem como, não, é... não ter na sala de aula, a afetividade junto com a aprendizagem. Se você, principalmente o professor, se ele estiver numa sala de aula e ele não gostar do que faz, ele não vai estar bem consigo mesmo, e nem com as crianças. Aí não vai ter interação, não vai ter aprendizagem, não vai ter afetividade. Aí vai ficar uma coisa evasiva, na educação (Professora Maria, 2024).

Dessa forma, a afetividade é vista pelas professoras como algo indissociável da aprendizagem, principalmente na Educação Infantil, em que as crianças estão em constante desenvolvimento. Assim, podemos estabelecer uma relação recíproca entre o educador e o

educando, através interações constantes em sala, nos intervalos ou em passeios escolares, onde ocorre uma aproximação afetiva que gera interação e aprendizagens significativas.

Segundo Mukhina (1995, p. 210), “[...] o bem estar emocional ajuda o desenvolvimento normal da personalidade da criança e a formação de qualidades que a tornam positiva, fazendo-a mostrar-se benevolente com outras pessoas”. Dantas (1992), defende que a aspecto afetivo é necessário ao ato de ensinar, visto que existe a compreensão que as relações de ensino e aprendizagem são impulsionadas pela paixão e desejo, permitindo reconhecer condições afetivas que possam trazer benéficos no processo de aprendizagem. Ao longo das reflexões vimos que,

[...] a afetividade, que se expressa na relação vincular entre aquele que ensina e aprende, constitui elemento inseparável e irredutível das estruturas da inteligência [...] não há ato de ensinar-aprender sem a mediação concreta de sujeitos humanos, não havendo, relação ensino-aprendizagem sem que haja atuação indissociável entre inteligência, afetividade e desejo (Almeida, 1993, p. 31).

Deste modo, a criança constrói suas experiências especialmente das vivências com outros indivíduos, crianças ou adultos. Assim, se essas pessoas que estão em contato com elas, as tratam com respeito, carinho, e atenção, reconhecendo os seus direitos, a criança experimenta um prazer emocional, se sentindo bem, segura e protegida.

Destarte, a escola se torna suporte para a aprendizagem ao dispor de condições essenciais para que a criança se sinta protegida e segura, pois é o primeiro local de socialização, fora do ambiente familiar do educando. Logo, é indispensável a atuação de um educador que tenha discernimento do seu papel como agente transformador, que não seja apenas de simples reprodutor da realidade atual. A partir das reflexões suscitadas pelas professoras, participantes da pesquisa, vimos o quão é imprescindível que as boas relações sejam possíveis no ambiente escolar, proporcionando às crianças momentos de aprendizagem, diversão, comprometimento com a escola e sintam-se acolhidas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educar é realizar a mais bela e complexa arte da inteligência. Educar é acreditar na vida e ter esperança no futuro.
(Augusto Cury)

A afetividade está presente em todas as experiências que vivenciamos ao longo da vida, desde o momento em que nascemos. Logo, podemos ser afetados de forma positiva ou negativa de acordo com as interações vivenciadas com as pessoas ao nosso redor. Somos indivíduos que necessitam de relações interpessoais para sobreviver e evoluir em todas as áreas de nossas vidas, pois estamos em constante transformação.

Diante disso, é fundamental pensarmos sobre a afetividade na Educação Infantil, pois as crianças estão em seu pleno desenvolvimento e, nesse momento, é ainda mais crucial que as relações interpessoais ocorram da maneira mais saudável e planejada possível para que os alunos se tornem pessoas com mais criatividade, confiança e aprendam a conviver uns com os outros. Pensando dessa forma foi possível compreendermos melhor como professoras da Educação Infantil enxergam a afetividade como algo essencial nessa etapa do desenvolvimento e o que elas pensam acerca das relações vivenciadas na sala de aula, bem como no ambiente escolar.

Ao longo do processo de reflexão sobre questões importantes para a educação, realizamos uma entrevista semiestruturada, com duas professoras da Educação Infantil de uma escola pública e estas demonstraram ao longo das perguntas bastante respeito e dedicação com seus alunos, relatando a forma que trabalhavam no cotidiano da sala de aula para que a afetividade se tornasse um fator determinante em suas atuações enquanto educadoras, bem como falaram sobre o quanto valorizam as relações interpessoais com seus alunos e colegas do ambiente de trabalho.

Dessa forma, analisamos as perguntas respondidas pelas professoras, em que foram construídas através da pergunta norteadora da monografia: o que pensam professores acerca das relações interpessoais vivenciadas na Educação Infantil e sua relação com o processo de ensino e aprendizagem de crianças na Educação Infantil?

Diante do exposto, podemos afirmar que os objetivos traçados para a escrita da monografia foram alcançados e desse modo, podemos destacar que as relações são construídas através da rotina diária, ao receber bem a criança, ao agir de forma carinhosa, ao demonstrar respeito e que as rodas de conversas permitem uma escuta ativa, deixando à

criança segura para falar, aprender, se comunicar e se socializar da melhor forma possível, pois é na troca de experiências que a criança percebe quando está sendo bem tratada ou não.

É importante ressaltar, que apesar da valorização do curso de Pedagogia e as Leis que asseguram que o profissional da Educação Infantil precisa ser formado em Licenciatura em Pedagogia, ainda temos muitos professores que não são formados em Pedagogia e trabalham na Educação Infantil.

Por fim, vimos o quanto é imprescindível enfatizar que as relações interpessoais são essenciais para o processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil, já que promove encorajamento e fortalecimento entre os educadores, educandos e demais pessoas que fazem parte do âmbito escolar, pois o saber da escola se complementa com o que a criança adquire ao longo da vida, além disso, após as entrevistas, ficou claro como a afetividade e a aprendizagem é vista como algo indissociável na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papyrus, 1999.(Coleção Papyrus Educação)
- ALMEIDA, S. F. C. de. **O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar-aprender**. In: Temas de Psicologia. n. 1, p. 31- 44, 1993.
- ANTUNES, C. **Educação Infantil: prioridade imprescindível**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- ANTUNES, Celso. **Relações Interpessoais e auto-estima: a sala de aula como um espaço do crescimento integral**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BARROS, Aidil J. P de; LEHFELD, Neide A. de Souza. **Projeto de pesquisa: respostas metodológicas**: Vozes, 1990.
- BEZERRA, Ricardo José Lima. **Afetividade como condição para a aprendizagem: Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção**, 2006.
- BRASIL, 1998. Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, 1988.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC, 2010.
- BRASIL. Lei 13.005, de 25 de junho 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências**. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília: DF, 2014.
- BRASIL. **LEI 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Leis e Diretrizes da Educação. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 14 de Abr. 2024
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Vol.1. Brasília: MEC\SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica**. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 8.069/1990**. Estatuto da criança e do adolescente. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 16 jul 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.html> Acesso em: 11/14/2023.
- CAJU, Maria do Socorro. **Representações sociais sobre afetividade: um olhar docente**. João Pessoa – PB, GSM, 2006.
- CODO, W.; GAZZOTTI, A. A. Trabalho e afetividade. In: Codo, W. **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes; Brasília: CNTE; Brasília: LPT, 1999.

- DANTAS, H. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Y de; OLIVERIA, M. K. de; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias em discussão.** São Paulo: Summus, 1992.
- DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa.** In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.* 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FREIRE, Madalena. In: GROSSI, Esther P. BORDIN (orgs.). **Paixão de Aprender.** 8º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 9 ed.- São Paulo: Paz e Terra, 1996. - (coleção leitura)
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREITAS, E. A. S.; GOMES, F. M. M.; PEREIRA, Z. F. **Reflexões acerca da afetividade e ensino aprendizagem como processos indissociáveis.** Congresso Nacional de Educação, 2014.
- GOBBATO, Heliana Lia Tissiani. **A educação infantil brasileira no contexto das políticas educacionais: do direito à obrigatoriedade.** In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 4., 2016, Joaçaba. Anais do Joaçaba, SC: Unoesc, 2016.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas,** São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr., 1995.
- KRAMER, S. **As crianças de 0 a 6 anos as políticas educacionais no Brasil: educação infantil e/é fundamental.** Educ. Soc., Campinas. Vol. 27, n. 96 – Especial, out. 2006.
- KRAMER, S.; NUNES, M. F. R.; CORSINO, P. Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v.37, n.1, 220p. 69-85, jan./abr. 2011.
- LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.
- MANZINI, Eduardo José. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada.** In: MARQUEZINE, Maria Cristina; ALMEIDA, Maria Amélia; OMOTO, Sadao (Orgs.). Colóquios sobre pesquisa em educação especial. Londrina: EdUEL, 2003, p. 11-25.
- MENGER, Elaine M. C. **A afetividade nas práticas pedagógicas.** UFRGS. Faculdade de Educação. (TCC). Curso de Pedagogia. Três Cachoeiras, 2010.
- MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** 14ª.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 8 p.

- MORIN, Edgar. (2008) **A Cabeça bem-feita – Repensar a Reforma Reformar o Pensamento**. 14ª Edição – Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, RJ – 2008.
- MUKHINA, Valéria. **Psicologia da idade pré-escolar**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- OLIVEIRA, Z. M. R. (Org.). **A criança e seu desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios**. Papirus Editora, 2000.
- PIAGET, Jean. Aprendizagem e conhecimento. In: PIAGET, J., GRÉCO, P. **Aprendizagem e conhecimento**. Rio de Janeiro : Freitas Bastos, 1974. Título original: Apprentissage et connaissance, 1959.
- PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- ROSSINI, M. A. S. **Pedagogia afetiva**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- SILVA, M. L. F. S. **Análise das dimensões afetivas nas relações professor-aluno**. Campinas, Unicamp: FE 2001.
- SKINNER, B. F. **Questões recentes na análise comportamental**. 3. ed. São Paulo: Papirus, 1991.
- TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da Pesquisa**. 2. Ed. – Curitiba: IESDE Brasil S. A. , 2009.
- VIEIRA, M. M. F. e ZOUAIN, D. M. **Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.
- VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Martins Fontes, 2010.
- WALLON, Henri. **As origens do pensamento da criança**. São Paulo: Manole, 1989.



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante,

Sou estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, *campus* de Cajazeiras/PB, realizo uma pesquisa intitulada: **Afetividade na Educação Infantil: o que pensam professoras acerca das relações interpessoais**, sob a supervisão da Prof. Dr^a. Zildene Francisca Pereira (UFCG), cujo objetivo principal é: compreender como as relações interpessoais, vivenciadas na Educação Infantil, contribuem para o processo de ensino e aprendizagem da criança.

Sua participação envolve a realização de uma entrevista semiestruturada com seis (06) questões abertas. Gostaríamos de enfatizar que sua participação, nesse estudo, é voluntária e não envolve qualquer desconforto com relação à pesquisa.

Na publicação dos resultados, desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a). Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você contribuirá com a produção de conhecimento científico na área educacional, voltada mais especificamente a Educação Infantil.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa contatar com a Professora Orientadora Zildene Francisca Pereira, e-mail: zildene.francisca@professor.ufcg.edu.br e a Pesquisadora Mariana Andreino Moreira, e-mail: marianaandreino@hotmail.com

Atenciosamente,

Assinatura do Estudante

Matrícula:

Assinatura da Professora Orientadora

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que recebi uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante Voluntário(a) da Pesquisa

RG:

_____, ____/____, de 2024.



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



APÊNDICE B - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E ENTREVISTA

Nome: _____

Pseudônimo: _____

Idade: _____ Sexo: () Feminino () Masculino

Estado Civil: _____

Escolaridade: () Ensino Médio () Magistério () Graduação () Pós-Graduação

Graduação em: _____

Ano que concluiu: _____

Pós-Graduação em: _____

Ano que concluiu: _____

Vínculo empregatício: _____

Tempo de serviço na Educação Infantil: _____

Tempo de serviço nesta escola: _____

Além dessa escola você trabalha em outra: _____

ROTEIRO DA ENTREVISTA

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE PENSAM PROFESSORES ACERCA DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

1. Como você enxerga as relações interpessoais na Educação Infantil?
2. Como é construída essas relações na sala de aula?
3. Como é trabalhada a afetividade em sala de aula?
4. Como as relações interpessoais influenciam no processo de ensino aprendizagem?
5. Qual a importância das relações interpessoais para o desenvolvimento integral do aluno na Educação Infantil?
6. Como você enxerga a relação entre afetividade e aprendizagem na Educação Infantil?